

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
GRADUAÇÃO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BERNARDO DE MENDONÇA NAZARETH**

**PROLETARIADO E LUMPEMPROLETARIADO: PRODUTO  
E SUBPRODUTO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

**NITERÓI – RJ  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
GRADUAÇÃO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BERNARDO DE MENDONÇA NAZARETH**

**PROLETARIADO E LUMPEMPROLETARIADO: PRODUTO  
E SUBPRODUTO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

Artigo monográfico apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Graduação em Ciências Sociais, sob orientação da Profa. Wilma Lúcia Rodrigues Pessôa.

**NITERÓI – RJ  
2015**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**  
**GRADUAÇÃO NO CURSO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BERNARDO DE MENDONÇA NAZARETH**

**PROLETARIADO E LUMPEMPROLETARIADO: PRODUTO  
E SUBPRODUTO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Wilma Lúcia Rodrigues Pessôa (Orientadora)

Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dra. Elisabete Cruvello da Silveira

Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Sidnei Clemente Peres

Universidade Federal Fluminense

*Dedico a minha avó Lourdes, ao meu filho Heitor e a minha  
companheira Myllena. Vó, que me criou e fez de tudo para que  
o estudo fosse minha prioridade e meu caminho na vida, te amo.  
Meu filho, que mudou para melhor minha vida, te amo. Myllena,  
obrigado por seu companheirismo e amizade. Te amo muito..*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha avó Lourdes, pelos esforços e perseverança para que eu estudasse e tivesse uma formação superior. A meu pequeno Heitor, pelos momentos de alegria e inspiração, que alegam minha vida. A minha companheira Myllena, pela ajuda, compreensão e amizade. Te amo. Aos companheiros de “viagem”, onde compartilhamos angústias, alegrias e intensos debates filosóficos na UFF, os amigos Diego Sodré, Daniel Simon e Givaldo Filho, por estarem sempre dispostos a ajudar e pela amizade durante os anos. A professora Wilma Lúcia, pela orientação, paciência e amizade. Aos professores Sidnei e Elisabeth. Aos professores Barbara França, Maria Lúcia Pontual Braga, Marcelo Mac Cord, Alessandra Barreto, Letícia Veloso, Sérgio Castilho e Rosana da Câmara, por estarem sempre dispostos a ajudar e fazer o que estivesse ao alcance.

## RESUMO

Este artigo monográfico tem como objetivo realizar uma reflexão sociológica sobre a formação do proletariado e do lumpemproletariado, a partir da revolução industrial na Europa, no século XVIII, abordando suas condições de vida e relações com outras classes sociais. Serão utilizadas obras clássicas, de Karl Marx, Friedrich Engels e E.P. Thompson, além de uma obra contemporânea de Alberto Passos Guimarães, tanto com uma abordagem teórica, quanto com exemplos de fatos históricos que nos ajudam a compreender os principais tópicos abordados neste trabalho.

**Palavras-chave:** Lumpemproletariado. Proletariado. Capitalismo. Revolução industrial. Trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Mudanças no processo produtivo.....</b>	<b>10</b>
<b>3 O PROLETARIADO INDUSTRIAL .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 As condições de vida do proletariado das grandes cidades inglesas.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 A concorrência entre os operários.....</b>	<b>15</b>
<b>3.3 A tênue linha entre o proletariado e o lumpemproletariado.....</b>	<b>16</b>
<b>4 O LUMPEMPROLETARIADO.....</b>	<b>17</b>
<b>5 A FORMAÇÃO DO LUMPEMPROLETARIADO NA EUROPA.....</b>	<b>20</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>23</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Meu objetivo neste artigo monográfico é analisar a relação direta entre a Revolução Industrial e a formação do lumpemproletariado e do proletariado urbano.

Desde o século XVIII, especialmente na Inglaterra e na França, com as revoluções burguesas e a industrialização, que levaram à expulsão dos trabalhadores do campo para as cidades em expansão, onde as condições de salubridade, higiene, alimentação, vestuário e habitação eram, em geral, piores do que as encontradas por esses trabalhadores ou pelas gerações anteriores de suas famílias, quando estes viviam no campo. Ao mesmo tempo, criou-se uma população excedente nos centros urbanos em formação, onde as indústrias não podiam absorver toda a mão-de-obra disponível.

Os trabalhadores passaram a ser totalmente dependentes de vender sua mão-de-obra a um patrão para poder sobreviver, já que a produção artesanal, em pequena escala, a partir dos meios de produção antes divididos entre tecelões, artesãos e pequenos burgueses foi, aos poucos, engolida pela produção em escala industrial, pela automatização do processo produtivo e pela perda de competitividade dos produtos feitos por indivíduos ou por suas famílias, frente aos produzidos pela indústria, com preços mais baixos e produção em maior quantidade e menor tempo.

A chegada da burguesia ao Poder ocorreu em todo o Mundo, fazendo com que as relações feudais entrassem em decadência e fossem introduzidas novas práticas e relações sociais, em cada país a seu tempo e a seu modo, mas redefiniu o modo de produção de forma global. A servidão cedeu espaço para a venda da mão-de-obra assalariada, onde o patrão decidia, quase que de forma unilateral, o valor do serviço prestado e a carga horária trabalhada.

## 2. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Revolução Industrial, expressão muito utilizada por Friedrich Engels e Karl Marx, consistiu-se no período histórico compreendido a partir da segunda metade do século XVIII na Inglaterra, em que a máquina tomou conta do processo produtivo, tirando das famílias ou do produtor individual tanto o conhecimento de todas as fases do processo produtivo – a chamada alienação do processo produtivo –, como o controle do tempo e da intensidade dedicados ao trabalho.

### 2.1 Mudanças no processo produtivo

Com a introdução do maquinário na produção do fio, a partir de 1764, os tecelões passaram a não mais dividir seu tempo com a produção agrícola, mas a dedicá-lo apenas ao tear, com o qual produziam e ganhavam mais. Com isso, houve também a formação do proletariado rural, já que muitos tecelões abandonavam ou vendiam suas terras, sendo estas ocupadas ou compradas por grandes arrendatários, que alugavam as terras a terceiros e empregavam trabalhadores livres como seus empregados nessas terras.

Esse maquinário utilizado na produção do fio foi instalado em grandes prédios e acionado por força hidráulica, reduzindo a quantidade de mão-de-obra necessária à produção, reduzindo os custos na mesma e podendo vender o fio a um preço menor que os fiandeiros isolados.

A indústria centraliza a propriedade em poucas mãos, com a instalação de máquinas em grandes prédios de vários andares, para aumentar a produção, onde operários trabalhavam em turnos alternados, arruinando os trabalhadores manuais, que trabalhavam isoladamente em oficinas. As primeiras indústrias surgiram dessa forma. Algumas chegavam a empregar crianças, a partir dos 8 anos de idade, pois pagavam menos ainda que ao operário adulto. As mulheres também eram empregadas em muitas destas, com uma remuneração acima da que as crianças recebiam, mas abaixo da que era dispensada aos homens.

Não é difícil perceber que, com a grande concentração de maquinário em algumas indústrias e algumas cidades, há uma expansão de muitos centros urbanos, com uma concentração cada vez maior de pessoas, pois cada indústria demanda muitos operários. Era comum o surgimento de vilas de habitações destes trabalhadores próximas às fábricas onde trabalhavam. Em geral, os jovens se adaptam ao trabalho fabril e, quando uma fábrica já não pode empregar a todos, os salários caem. Porém, novos industriais se estabelecem, por conta da farta mão-de-obra disponível. Assim, as vilas se tornam pequenas cidades, e estas se tornam grandes cidades. Quanto maior a cidade, maiores são as vantagens que ela oferece. É maior a oferta de trabalhadores experientes e o surgimento de ferrovias, canais e estradas, facilitando também a chegada de matéria-prima e o escoamento da produção.

Mas todo esse processo de desenvolvimento capitalista que faz com que as cidades cresçam não é eterno; há alternância de períodos de prosperidade e crise, que nunca acaba. Engels, sobre essa questão, afirma:

“Dada a anarquia reinante na moderna produção e distribuição dos meios de subsistência, empreendidas não para a satisfação imediata das necessidades, mas para a obtenção do lucro, e dado o sistema em que cada um trabalha e enriquece sem se preocupar com os outros, é inevitável que a cada instante surjam perturbações”. (Engels, 1968, p. 123)

A consequência desse modo de produção em que cada um se preocupa consigo mesmo e com seu próprio lucro cada industrial não sabe a real necessidade e o estoque existentes no mercado. Logo, a produção e o escoamento das mercadorias ocorrem ao acaso, sendo as oscilações dos preços o único parâmetro para se ter ideia das necessidades e estoques. Se tudo vai bem, logo muitos estão produzindo e distribuindo bastante mercadorias, fazendo com que o mercado se sature daquele produto, as vendas encalhem, os preços caem e a indústria diminui a quantidade de empregos oferecidos.

Segundo Engels, estas crises do modo de produção capitalista ocorriam em média a cada cinco anos, gerando falência dos pequenos comerciantes, paralisação ou diminuição da produção nas grandes indústrias e concorrência entre os desempregados,

ocasionando queda dos salários, aumento de impostos sobre os pobres e sobrecarga de instituições beneficentes. Mas aos poucos as mercadorias são escoadas e volta a haver demanda pelas mercadorias, gerando produção, contratação de trabalhadores e comércio. Nesse sentido, o exército industrial de reserva, uma massa de trabalhadores desempregados, é necessária à indústria inglesa, para que possa produzir mais mercadorias nos períodos de maior atividade.

### 3. O PROLETARIADO INDUSTRIAL

O proletariado foi, para Engels, o fruto mais importante da Revolução Industrial. Este surgiu com a introdução das máquinas no processo produtivo. Com a expansão da indústria, houve aumento da necessidade de mão-de-obra. A partir da emigração de grande parte das pessoas do campo para as cidades industriais e comerciais do Império Britânico, três quartos da população destas é formada por operários industriais. Com a transformação das oficinas em grandes fábricas e com sua mecanização da produção, a indústria transformou a maior parte da classe média (como os artesãos) em proletariado, reduzindo-a bastante em número.

A sua subsistência, através da venda do que havia produzido, desapareceu, dando lugar ao controle da burguesia sobre o processo produtivo, o tempo e intensidade do trabalho realizados, bem como sobre a vida e a morte dos trabalhadores, também chamados de proletários, já que ou se vendia a mão-de-obra, ou se morreria de fome, já que nos centros urbanos (e no campo também) não era possível ter seu próprio pedaço de terra para cultivo, mas apenas ir ao mercado e pagar pelos alimentos ali disponíveis para consumo.

#### 3.1 As condições de vida do proletariado das grandes cidades inglesas

A população pobre vivia segregada em algumas partes da cidade. Segundo Engels, todas as grandes cidades da Inglaterra possuíam um ou vários “bairros de má fama”, onde se encontrava a classe trabalhadora, habitando as piores casas, com relação a infra-estrutura, estética e ventilação, na parte mais feia da cidade, onde as ruas são sujas, sem tratamento de esgoto, cheias de detritos vegetais e animais. Esses não ficavam distantes das grandes mansões dos ricos, mas ficavam escondidos, nas ruas de trás, nas vielas, em suma, fora da vista dos que transitavam ou moravam nas ruas principais de Londres, Manchester e outras grandes cidades da Inglaterra. Dentro desses bairros, uma pequena parte era habitada pelas classes criminosas.

Engels cita as condições de moradia de parte dos operários na cidade de Manchester:

“(…) 350 mil operários vivem quase todos em habitações miseráveis, úmidas e sujas; que a maioria das ruas pelas quais têm de passar se encontra num estado deplorável; extremamente sujas, essas vias foram abertas sem qualquer cuidado com a ventilação, sendo a única preocupação o máximo lucro para o construtor. Em síntese, nas moradias operárias de Manchester não há limpeza nem conforto e, portanto, não há vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentios e intelectual e moralmente reduzidos à bestialidade”. (Engels, 1968, p. 105)

Tanto os membros do proletariado quanto do lumpemproletariado eram forçados a viver nesses locais por falta de condições financeiras de habitar locais mais decentes, que oferecessem alguma qualidade de vida, espaço, ar puro. Enquanto isso, a burguesia escolhia morar onde bem entendia, levando em conta diversos fatores e variáveis. Engels fala, sobre os locais de moradia das diferentes classes sociais em Manchester:

“Essa parte de Manchester, a leste e a nordeste, é a única na qual a burguesia deixou de instalar-se, e por uma razão de monta: o vento dominante, que, por dez ou onze meses do ano, vem do oeste ou do sudoeste, esparze sobre ela a fumaça de todas as fábricas. Essa fumaça, que sejam os operários os únicos a respirá-la”. (Engels, 1968, p. 101)

E continua:

“Eis o que se pode afirmar acerca das habitações dos operários nas grandes cidades: o modo como é satisfeita a necessidade de um teto é um critério que nos permite saber como são satisfeitas as outras necessidades. É muito fácil concluir que nesses sujos covis só pode morar uma população esfarrapada e mal alimentada. Justa conclusão”. (Engels, 1968, p. 107-108)

As vestimentas eram inapropriadas ao clima, muitas vezes remendadas, e os que não podiam comprar alguns acessórios, como chapéus, improvisavam com papelão ou outros materiais. Alguns, como boa parte dos imigrantes irlandeses que se encontravam nas cidades inglesas, chegavam ao ponto de andar descalços nas ruas, por não terem condições de sequer comprar um calçado; mulheres e crianças também passavam por essa situação com frequência. A alimentação era ainda mais crítica, com boa parte dos pobres das cidades comendo carne uma ou duas vezes na semana, comprando os piores produtos nos mercados – muitas vezes até estragados –, já que não tinham dinheiro suficiente. Ou seja, tanto quanto na moradia, a alimentação e as vestimentas impostas aos pobres pelo preço, eram aquelas que a burguesia e a classe média dispensavam. Não era proibido a nenhum pobre comprar boas roupas de lã ou ótimos pedaços de carne, mas o preço lhes proibia de comprar, obrigando-lhes a obter o resto, literalmente.

### **3.2 A concorrência entre os operários**

Para Engels “a concorrência entre os trabalhadores é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa”. (Engels, 1968, pág. 117)

Cada membro de cada classe é um obstáculo para o outro da mesma classe, colocando todos os seus membros em posição de conflito. O único limite da concorrência entre os operários é que nenhum aceite trabalhar por menos que o

necessário para sua subsistência. No caso dos operários, seu salário lhes garante apenas a sobrevivência cotidiana. A burguesia apropriou-se de todos os meios de subsistência e de produção, com a proteção do Estado, fazendo dos trabalhadores seus reféns. Estes não possuem bens, não possuem nada mais que sua força de trabalho, vendida ao patrão diariamente, a quem enriquece e do qual recebe parte do que produz. A isso chama-se mais-valia, e essa é a base da acumulação de capital na sociedade capitalista.

Há também a concorrência entre os burgueses, que ocorre quando há mais vagas de trabalho que trabalhadores empregados. Isso ocorre porque o proletário produz para o burguês as mercadorias que este vende com lucro; quando a procura dessas mercadorias aumenta a ponto de os operários serem todos empregados e ainda faltarem trabalhadores; então os burgueses concorrem entre si pela mão-de-obra.

### **3.3 A tênue linha entre o proletariado e o lumpemproletariado**

Durante os momentos de crise de superprodução, os trabalhadores que se mantêm empregados ficam sem poder vender sua força de trabalho pelo preço habitual, pois a quantidade de desempregados aumenta e, portanto, a concorrência entre os trabalhadores pelos postos de trabalho também, momento em que a burguesia, mais uma vez, se aproveita para reduzir os salários dos trabalhadores e minimizar suas perdas. Os trabalhadores que ficam sem o emprego, precisam recorrer a atividades que lhe pagam menor remuneração, como varrer ruas, partir para o comércio ambulante, carregar coisas em carrinhos de mão ou burros. Muitos acabam recorrendo à mendicância ou, pior, a roubos e atividades ilícitas. Essa é a “população supérflua”, como define Engels. A linha que separa o proletariado do lumpemproletariado é tênue e todos os trabalhadores estavam sujeitos a essa situação. Também por isso a caridade dos operários com os “supérfluos” é maior que a vinda de outras classes.



#### 4. O LUMPEMPROLETARIADO

Karl Marx e Friedrich Engels, em *A Ideologia Alemã* (1845), introduziram o conceito de lumpemproletariado, como sendo o extrato mais baixo da sociedade e que remontavam suas origens à formação urbana, com a decadência do feudalismo.

A prática de roubos e pilhagens por parte de uma parcela da população civil, desde o início do século XVIII, com a Revolução industrial, gerou uma série de explicações e teses sobre a “natureza” e a “índole” dos criminosos ou das chamadas “classes perigosas”, como pessoas que já nasceram prontas para essa forma de vida e que o faziam por escolha pessoal ou vocação.

Em sentido contrário, Marx analisa a formação do lumpemproletariado como sendo um subproduto do desenvolvimento capitalista e da acumulação de capital. Na Inglaterra, por exemplo, onde a Revolução Industrial e a queda do feudalismo ocorreram muito antes que em qualquer outro país, ocorreu ao mesmo tempo o cercamento dos campos e o surgimento da superpopulação nas cidades, que servia, em parte, para trabalhar nas indústrias e, em parte, como exército de reserva, que garantia os baixos salários dos trabalhadores da indústria e poderia ser utilizado em necessidades eventuais de maior produção. Em suma, os integrantes dessa categoria eram pessoas que não conseguiam ingressar no mercado de trabalho e viviam abaixo dos níveis de subsistência, recorrendo à mendicância ou roubos para conseguir se manter.

Marx e Engels, porém, sempre tiveram posição contrária à alianças do proletariado com o lumpemproletariado na ação revolucionária, por acreditarem que estes, por suas próprias condições de vida, eram muito mais propensos a ser utilizados pela reação contra os trabalhadores. Em *O manifesto do partido comunista* (1848), os autores advertem:

“O lumpemproletariado, esse produto passivo da putrefação das camadas mais baixas da velha sociedade, pode às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições o predispõem mais a vender-se à reação”. (MARX E ENGELS, 2009)

Há inclusive uma polêmica, entre Marx e Engels, de um lado, e o anarquista Bakunin, de outro, pois este acreditava que a vanguarda revolucionária seria composta dos socialmente desclassificados, aos quais Marx e Engels chamam lumpemproletariado. Quanto a isso, o pensador político Frantz Fanon, adepto da teoria bakuninista, em sua obra *Os condenados da terra* (1968), cita um exemplo concreto que contradiz a teoria:

“Assim, todo movimento de libertação deve dar o máximo de atenção ao lumpemproletariado. Esse responde sempre ao apelo da insurreição, mas se a insurreição acredita poder desenvolver-se ignorando-o, o lumpemproletariado, essa massa de famintos e de desclassificados, se atirará na luta armada, participará do conflito, mas desta vez ao lado do opressor. O opressor, que não perde ocasião de fazer os negros se entredevorarem, utilizará com rara felicidade a inconsciência e a ignorância que são as falhas do lumpemproletariado. [...] Na Argélia, foi o lumpemproletariado que preencheu os claros nas tropas; em Angola, foi ele que forneceu os abridores de estradas que precediam as colunas armadas portuguesas; no Congo, o lumpemproletariado está presente às manifestações regionalistas de Kasai e Katanga, enquanto em Leopoldville ele foi utilizado para organizar as demonstrações “espontâneas” antilumbistas”. (Fanon, 1968, p. 85-86)

Um dos fenômenos das grandes cidades industriais da Inglaterra do século XVIII, destacado por Alberto Passos Guimarães, foi o surgimento da “classe criminal”, que consistia em parte do lumpemproletariado que passava a atuar de forma criminosa, seja coletiva ou individualmente, de maneira contínua, fazendo dessas atividades sua forma de vida, muitos se especializando em determinados tipos de crime.

Havia famílias inteiras vivendo do crime, com crianças e mulheres participando de diferentes formas e em diferentes fases dos crimes. Em geral, os mais velhos comandavam as ações e os mais novos aprendiam com estes. Mas essas organizações eram importantes para sua subsistência e divisão das áreas de atuação dos criminosos, não tendo nenhum cunho político ou projetos de mudança social.

Sobre as habitações dos integrantes do lumpemproletariado, estes viviam, mais uma vez, pior que o proletariado. Muitos não possuíam dinheiro nem para comprar móveis – havia casas em que não se tinha armários, mesas e, alguns casos extremos, nem mesmo camas, isso sem falar nos moradores de rua, que nem mesmo conseguiam ter um teto e muitas vezes nem tinham condições para pagar abrigos noturnos, vivendo ao relento, acomodando-se em parques, praças, esquinas ou qualquer lugar onde os comerciantes e a Polícia os deixassem em paz.

## 5. A FORMAÇÃO DO LUMPEMPROLETARIADO NA EUROPA

Na primeira metade do século XVIII, uma massa de camponeses expulsos dos campos de Inglaterra e França vão para os centros urbanos: Londres e Paris, respectivamente, à procura de emprego, especialmente nas indústrias. Mas, com a expansão do maquinário na produção industrial, os patrões conseguiam, ao mesmo tempo, aumentar sua produção e reduzir o número de operários contratados. Com essa mecanização da produção, seus lucros aumentavam bastante, os preços dos produtos manufaturados diminuíram, o comércio e a indústria floresceram, o capital e a riqueza nacional aumentaram. Ao mesmo tempo, cresceram o desemprego e a miséria de grande parte da população, cada vez mais numerosa, que era excluída do processo produtivo, passando a integrar o chamado exército industrial de reserva (ou superpopulação relativa), que era utilizado pelos patrões para não aumentar e até para diminuir os salários, já que havia concorrência entre os trabalhadores pelos postos de trabalho existentes. Ou seja, o pauperismo, como chamava Marx, com a superpopulação relativa, formam uma condição de existência da riqueza capitalista. Quanto mais o capitalismo se desenvolve, menos mão-de-obra é empregada, já que as inovações tecnológicas diminuem a necessidade de trabalho humano.

Esse é mais um argumento que corrobora a ideia da guerra de todos contra todos, da guerra social na sociedade capitalista, que fica mais acirrada e evidente nas grandes cidades industriais. Com o aumento do desemprego e sua consequente piora da qualidade de vida das pessoas afetadas, cresce, ao mesmo tempo, o número de pedintes, mendigos, prostitutas e ladrões nas ruas das grandes cidades industriais. A consequência dessa guerra é que as pessoas se isolam, refugiando-se em suas casas, não andando por qualquer lugar a qualquer hora, desconfiando de todos que cruzam seu caminho. Mas como poderia uma enorme massa de pessoas, que mal se entreolhavam e viam uns aos outros como estranhos, agir de forma diferente perante tais problemas? Como diz Engels:

“(...) os homens só se consideram reciprocamente como objetos utilizáveis: cada um explora o outro e o resultado é que o

mais forte pisa no mais fraco e os poucos fortes, isto é, os capitalistas, se apropriam de tudo, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida”. (ENGELS, 1968, p. 68)

E continua:

“Na escala em que, nessa guerra social, as armas de combate são o capital, a propriedade direta ou indireta dos meios de subsistência e dos meios de produção, é óbvio que todos os ônus de uma tal situação recaem sobre o pobre. [...] Se tem a sorte de encontrar trabalho, isto é, se a burguesia lhe faz o favor de enriquecer à sua custa, espera-o um salário apenas suficiente para o manter vivo; se não encontrar trabalho e não temer a polícia, pode roubar; pode ainda morrer de fome, caso em que a polícia tomará cuidado para que a morte seja silenciosa para não chocar a burguesia”. (ENGELS, 1968, p. 69)

## 6. CONCLUSÃO

Na sociedade industrial existe a luta de classes, entre burguesia e proletariado. Mas também existe uma outra luta, chamada por Friedrich Engels de luta de todos contra todos, em que os membros do proletariado lutam entre si, por vagas de emprego e melhores salários, por exemplo; os membros do lumpemproletariado lutam entre si, contra o proletariado e contra a burguesia, mas não de forma organizada, fazendo mais uma luta pela sobrevivência e não uma luta política pelo Poder ou por melhora nas condições de vida.

Há uma relação direta entre o desenvolvimento capitalista e a miséria entre os membros da sociedade que não são proprietários dos meios de produção, sendo vítimas deste os membros do proletariado e do lumpemproletariado. Não há como ver problemas sociais, como violência, exploração sexual, fome, dentre outros, descolados do modo de produção vigente em determinado momento histórico, neste caso, o capitalismo. Neste modo de produção, não há saída para os membros do proletariado e do lumpemproletariado viverem em paz, com condições dignas de vida, que vão além da subsistência (quando conseguem esta), pois a concentração de renda e propriedade privada dos meios de produção são os objetivos centrais do capitalismo, não havendo espaço para igualdade entre os membros da sociedade, pois quanto mais um ganha, mais os outros perdem, e vice-versa.

Lenin dizia que “a classe só é classe quando está organizada” (CITAR!!!). E isso se faz cada vez mais presente, sendo essa unidade cada vez mais necessária, visto que a falta de consciência de classe e unidade entre os trabalhadores vem permitindo uma piora contínua das condições de vida dos trabalhadores, aumento da violência e da miséria e queda de qualidade dos serviços públicos.

No capitalismo todos têm liberdade de consumir, porém, há que se ter dinheiro para tal. Os preços de determinados produtos ou de determinadas marcas são proibitivos aos trabalhadores até hoje, e isso não mudará, pois a lógica capitalista também não mudará, pelo contrário, ela apenas é reafirmada e aprofundada, no seio do próprio proletariado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O manifesto do partido comunista. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 2008.

GUIMARÃES, Alberto Passos. As classes perigosas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.